

Aspectos da teoria verbal na *Grammatica ingleza para uso dos Portuguezes* de José Urcullu (Porto 1848)

Sónia Duarte
duarte.sonia@sapo.pt

Nota preliminar

A obra de José Urcullu aqui focada é uma obra que, no século XIX, assume um importante papel na difusão da língua inglesa, tanto entre falantes de língua portuguesa, como de língua espanhola. Com efeito, desta gramática existem versões orientadas para o público espanhol e versões orientadas para o público português, sendo de realçar que ambos os casos tiveram publicação em Portugal¹. Neste estudo, procurar-se-á levar a cabo uma sumária apresentação da edição portuguesa de 1848 e uma aproximação a aspectos da teoria verbal aí exposta, nomeadamente os relativos ao próprio conceito de verbo e à sua classificação. Esta abordagem é motivada quer pela carência de estudos sobre a versão portuguesa, quer pelo desequilíbrio na projecção editorial das duas versões, conforme se pode aferir do inventário das obras de Urcullu proporcionado por Jenny Brumme (2005: 327-332): três edições em território nacional da gramática para portugueses, *versus* treze edições, dispersas pela Europa e América, da destinada aos espanhóis. Este significativo quase vazio de informação a respeito de uma obra relevante para o ensino de línguas estrangeiras no Portugal do século XIX foi, sublinhe-se, o principal elemento motivador deste trabalho. A opção

¹ Em concreto, há conhecimento de uma edição para o público espanhol (Porto 1840) e de três edições para o público português, das quais, adiante, se falará com mais detalhe.

pela aproximação à teoria verbal decorre do facto de ser esta a matéria que o texto parece destacar, quer pelo número de páginas que lhe é dedicado, quer pelas considerações que sobre a dificuldade da mesma nele se tecem.

Contextualização biobibliográfica

Grande parte da informação disponível sobre o autor, contexto de edição, redacção e concepção da obra em estudo chega-nos directamente através da própria *Grammatica Ingleza*. Atentando, por exemplo, na respectiva folha de rosto, observa-se que a edição de 1848 dá conta de que a mesma corresponde à segunda edição da obra. Por sua vez, em nota inicial da mesma edição, fica claro que a primeira data de 1830². Cotejando o título das duas primeiras edições, constatamos ainda que a segunda consiste numa versão “consideravelmente acrescentada e corrigida”. Na folha de rosto, da edição de 1848, pode igualmente ler-se o seguinte acerca do seu autor: “Cavalleiro da Ordem de Christo, Socio Correspondente da Real sociedade Geográfica de Londres, das de Paris e Rio de Janeiro, e autor de varias obras Hespanholas e Portuguezas”. Inocêncio Silva, no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez* (2001 [1858-1923], tomo V: 14), acrescenta ainda: “foi natural de Hespanha e serviu militarmente a sua patria durante a guerra peninsular. Perseguido depois por razões politicas, refugiou-se em Portugal, onde casou. Morreu a 8 de Junho de 1852”. Do ponto de vista bibliográfico, esta informação é complementada por uma nota final na segunda edição da *Grammatica* (1848: 363-364), nota essa da qual se conclui que a produção escrita de Urcullu incide sobre temas tão díspares como as Ciências Físicas e Naturais, a Aritmética, as Ciências Sociais, a Filologia e a Gastronomia. Curiosamente, a primeira edição acrescenta ainda alguns dados quanto à produção em Espanhol, ampliando esta lista com algumas obras de Urcullu sobre a expressão artística e as normas de civilidade (1830: 294). Observe-se também que a sua obra abrange tanto a tratadística, como a tradução e a produção literária, e que se estende, naturalmente, para além das obras mencionadas nas duas listagens proporcionadas em cada edição, pois nelas não estão, evidentemente, contempladas as que foram editadas após essa data,

² Não foi possível consultar um exemplar da terceira edição (Lisboa 1853), embora esteja localizado, em Lisboa, na Biblioteca Nacional de Portugal. Relativamente às duas primeiras, foram consultados os exemplares conservados na Biblioteca Pública de Braga. No que se refere à segunda edição, foi ainda consultado um exemplar conservado na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

mas que se encontram identificadas no já referido inventário de Jenny Brumme (2005: 328-330).

Motivações editoriais

Na nota inicial intitulada “Algumas palavras sobre esta nova edição” (1848: V), o texto explicita igualmente o motivo subjacente à redacção de uma segunda edição desta obra. Urcullu refere-se aí ao desejo de intervir sobre este texto no sentido de o melhorar:

Conheci que era chegado o tempo de fazer n’ ella [nesta obra] algumas alterações, e de a melhorar; em fim de a pôr ao nível da minha GRAMMATICA INGLEZA para uso dos Hespanhoes, da qual se tem feito *muittissimas* [sublinhado de Urcullu] edições em Londres, na América, em Barcelona, no Porto em 1840, em Cádiz em 1845 e no presente anno de 1848” (1848: V).

De facto, para além da consciência de um grau de qualidade diferente entre as duas gramáticas, a própria diferença na recepção da obra parece constituir um factor decisivo na saída à luz de uma nova edição do texto para portugueses. Se, por um lado, da edição para o público espanhol se sabe que, anteriormente ao ano de 1848, contava já com oito edições, das quais algumas já reimpressas, por outro lado, da edição para portugueses não se conhece mais do que uma edição. Esta situação prende-se com o facto de a edição para espanhóis ter usufruído de bom acolhimento em contexto escolar, como foi atestado, não só pelo autor, mas também por outras entidades, conforme se depreende quer da nota inicial, quer do extracto do “Parecer que deo a Terceira Secção do Ministerio do Comercio” (1848: VIII-X), os quais figuram ambos na mesma edição³. O sucesso das duas versões é ainda documentado pelo plágio que uma e outra sofreram, como esclarecem tanto o autor, através da “Advertencia importante” e do anteriormente referido “Parecer” incluídos ambos na segunda edição (1848: VII-X), como Inocêncio Silva, no seu *Diccionario Bibliographico* (2001 [1858-1923], tomo V: 14). No tocante à versão de que se ocupa este estudo – a orientada para o público português –, as fontes anteriormente citadas dão conta de que esta foi plagiada por Francisco Solano Constâncio, a partir da edição de 1830.

³ Na realidade, o sucesso da edição para espanhóis de 1825 já tinha anteriormente estado na base da redacção da primeira edição para portugueses, como se lê no “Prólogo” da mesma: “Em 1825 publiquei uma Grammatica Ingleza reduzida a XXII Lições para os Hespanhoes aprenderem o Inglez. Estimulado pelo modo lisongeiro, com que ella foi acolhida pelo Publico literario, apresento esta, confiado em que será benignamente recebida pelos Portuguezes” (1830: V).

Outro sintoma do significativo impacto da versão para portugueses é ainda a referência privilegiada que lhe é feita na *Grammatica Hespanhola para uso dos Portugueses*, editada por António Nicolau Peixoto – uma obra gramatical que se orienta igualmente para o ensino de línguas estrangeiras em Portugal, saída à luz no mesmo ano e tipografia que a de Urcullu⁴. Finalmente, a relevância da obra de Urcullu para o ensino do Inglês em Portugal ficou também bem atestada por Inocêncio Silva, quando, no seu já referido *Diccionario* (2001 [1858-1923], tomo III: 24), afirma, a respeito do *Mestre Inglez* (Lisboa, 1814), de Francisco de Paula Jakú, que “foi tida pela melhor grammatica que possuímos no seu genero enquanto não apareceram as de Constancio e Urcullu”⁵. Tudo isto, não obstante a nota de modéstia de José Urcullu, relativamente ao facto de realizar, por meio da edição para portugueses, aquilo que ele próprio qualifica no prólogo da primeira edição como “importuno trabalho”, por consistir numa aproximação ao que designa, no mesmo texto, como “duas linguas para mim estrangeiras” (1830: III)⁶.

Propósitos didácticos

É igualmente através de informação paratextual (as dedicatórias) que ficam expressos os propósitos didácticos desta obra. O esclarecimento que encontramos, no prólogo da primeira edição (a respeito da dedicatória da edição de 1830 a D. Felicidade Firmina Ferreira Pinto) torna-se a esta luz muito

⁴ Conforme exposto noutro lugar (Duarte 2007; 2008; inédito), a obra de Urcullu é referida por duas vezes em Peixoto (1848: 30 e 120-121): uma, a respeito do exemplo espanhol sobre a simplificação ortográfica e outra, sobre a resistência à importação linguística do Espanhol num contexto de, paradoxalmente, abundante presença de estrangeirismos no Português. É de salientar que esta última referência a Urcullu consiste, aliás, na única transcrição textual em toda a *Grammatica* de Peixoto – o que é significativo, relativamente à importância que José Urcullu alcança em Nicolau Peixoto. Embora Peixoto (1848: 30) remeta textualmente para a *Grammatica* de Urcullu na sua edição também de 1848, poderá haver indícios de que Peixoto conhecia igualmente a edição abreviada lisboeta de 1830, nomeadamente pelo facto de a *Grammatica Espanhola* adoptar uma das duas epígrafes presentes na edição de Urcullu de 1830, mas não na de 1848 (*Autant de langues que l'homme sait parler, autant de fois est-il homme. (Charles-Quint)* O homem tantas vezes o é, quantas são as linguas que possui. (Carlos 5.^o)). Não se pode descartar contudo a hipótese de que a referida epígrafe não surja em Peixoto através de Urcullu, já que poderia ter dela conhecimento directo e tratar-se tão somente de uma coincidência.

⁵ Para mais informação sobre outros antecedentes desta obra na gramaticografia anglo-lusitana, consultar Torre (1985, 1988), Sánchez Escribano (2006) e Sáez Rivera (2007).

⁶ A fim de aferir o grau de conhecimento do Inglês e do Português por parte de Urcullu, seria interessante levar a cabo o estudo exaustivo das interferências do Espanhol no seu discurso. Não obstante, tal empresa ultrapassa largamente os objectivos deste trabalho.

relevante, permitindo confirmar que a gramática se destinava efetivamente a um contexto de instrução: “offerecer a V. S. meios, a meu vêr, faceis e claros de adquirir o conhecimento da Língua Ingleza, a cujo estudo sei que consagra as horas tão bem aproveitadas, he o fim a que me proponho quando tomo a liberdade de dedicar a V. S. esta Obra” (1830: III). Apesar de a dedicatória da segunda edição (a D. Luís Filipe, duque do Porto) não surgir expressamente justificada na obra, nos textos preambulares que a integram, torna-se já claro que, tal como aconteceu com a edição para espanhóis, também a dirigida aos portugueses foi adoptada institucionalmente enquanto material de apoio à aprendizagem. Com efeito, na nota inicial à edição de 1848, Urcullu refere que, dezoito anos após a sua primeira edição, para além de receber o elogio público da imprensa, “muitos Professores de inglez e Directores de collegios a adoptáram para o ensino da lingua ingleza” (1848: V). A vertente metodológica e didáctica da obra é, contudo, um aspecto cujo tratamento vai para além do escopo desta comunicação, e merece, por si só, um tratamento diferenciado.

Na tentativa de delinear com certa nitidez os contornos do contexto de aprendizagem ao qual a obra se destinava, um dos elementos relevantes é o público-alvo. Referindo-se a este, no prólogo da segunda edição, o autor emprega as expressões “publico literario”, “discipulo” e “mestre”. Para além do grau de instrução e da sua condição docente ou discente – ainda que não enquadrada oficial e institucionalmente –, relativamente à caracterização do público, será particularmente relevante focar ainda a sua origem. Embora dirigida a portugueses, por um lado, e a espanhóis, por outro, curiosamente, é em França que a obra, na sua versão para espanhóis, tem maior difusão, contando, no conjunto das suas diversas edições, com um total de 10 impressões, comparativamente com as 9 em territórios anglófonos e as 6, nos hispanófonos, segundo, mais uma vez, dados de Jenny Brumme (2005: 327-332). Uma explicação para esta situação poderá estar na relevância da França, junto com a Alemanha, enquanto principal foco produtor de materiais didácticos e berço de autores de relevo, no contexto de reforma do ensino das línguas modernas que marca o século XIX europeu – contexto esse no qual a Inglaterra só mais tardiamente alcança um papel de relevo, conforme esclarece Aquilino Sánchez (1997: 97-98)⁷.

⁷ Sobre a situação do ensino das línguas modernas em Portugal na época de que aqui se trata, sugere-se a consulta do trabalho de Ana Teresa Santa-Clara (2000: 47-63). Dentro da mesma perspectiva espaço-temporal, mas especificamente sobre o caso do Inglês, remete-se para Cardim (1915), cuja obra, infelizmente, não foi possível consultar no âmbito deste estudo.

O texto gramatical e os seus pressupostos teóricos

Passando ao plano do texto propriamente dito, este consta, na sua edição de 1848, de 363 páginas organizadas em vinte e sete lições *versus* as 296 páginas organizadas em vinte e cinco lições, na edição anterior. Em palavras do autor, a edição de 1848 apresenta, relativamente à de 1830, as seguintes particularidades e vantagens:

A GRAMMATICA INGLEZA para uso dos Portuguezes, fica n'esta nova Edição dividida em três partes. Na parte grammatical tem-se feito alterações de bastante consideração tanto nas regras como nos exemplos. Uma lista alfabética das principaes partículas inglezas, acompanhada de numerosos exemplos; uma explicação de palavras latinas e francesas introduzidas na lingua ingleza, e mais de trezentas abreviaturas que usam os Inglezes na conversação e por escrito, distingue esta Edição da anterior. (Urcullu 1848: V)

O autor aponta assim, em primeiro lugar, para diferenças na estrutura do texto. Para além de algumas notas sobre a pronúncia, ambas as edições constam de uma primeira parte dedicada à morfologia e sintaxe da língua inglesa. No entanto, diferem no facto de que a primeira edição reúne, numa segunda parte, as secções reservadas à conversação (como por exemplo os diálogos) e as reservadas a material lexical e gramatical de suporte (listas de verbos, de abreviaturas, de preposições, etc.), enquanto que a edição aqui tratada leva a cabo a separação desse material (orientado para a conversação, por um lado, e para o léxico e gramática, por outro) distribuindo-o por uma segunda e terceira parte (respectivamente).

A parte dedicada à morfologia, como era comum na tradição gramatical, é a mais extensa (162 páginas em 363), destacando-se o relevo assumido pela teoria verbal, como se conclui da extensão de páginas que a mesma ocupa: 67 páginas, às quais acrescem 10 de exercícios de tradução incidindo sobre esta categoria gramatical e as duas listas de verbos integrantes da terceira parte. Sublinhe-se que, da primeira para a segunda edição se regista uma ampliação dos capítulos dedicados ao verbo, através da adição de dois capítulos sobre os verbos auxiliares “to be” e “to have” (capítulos XVI e XVII respectivamente), de mais um capítulo (o XXI) complementando a lição sobre os usos dos diferentes verbos ingleses e da introdução de dois capítulos (XXV e XXVI) sobre a sintaxe dos verbos ingleses, os quais aparecem em lugar do capítulo único que, na edição de 1830, se intitula “Varias Observações sobre os Verbos”.

Concentrando-nos sobre o disposto no texto relativamente à definição e classificação verbais, observe-se o modo como o primeiro destes aspectos é apresentado pelo próprio José Urcullu:

O verbo é uma palavra, cujo uso principal é afirmar: tem pessoas, modos, e tempos. Na oração, *a virtude é amavel*, afirma-se que a qualidade *amavel* pertence á *virtude*.

Os verbos tem *dous numeros*, singular e plural; e cada número tres pessoas.

Ha varias classes de verbos; a saber: *activo, passivo, neutro, reflexivo*, ou *reciproco, defectivo, e impessoal*.

(Urcullu 1848: 23)

Nesta definição, parece importante marcar, por um lado, a própria preocupação conceptual, o que situa a gramática de Urcullu numa perspectiva que, não obstante orientada para o ensino da língua estrangeira, revela preocupações teóricas tradicionalmente mais comuns nas gramáticas de língua materna; por outro lado, importa ainda sublinhar o seu carácter eclético, na medida em que a supracitada definição assenta não só em traços formais (tempos, modos, pessoas, número), mas também, e sobretudo, em traços semânticos (a afirmação). Se bem que a tradição da Academia espanhola arranca com uma definição de verbo marcadamente formal, como evidenciam José Jesús Gómez Asencio (1981: 186) e Mercedes Quilis (2005:1324-1325), essa tradição⁸ evolui de forma a inverter-se, acabando por, em meados do século XIX, predominar a definição assente em traços semânticos. A esta luz, parece significativo, para o enquadramento da teoria de Urcullu nas ideias linguísticas do seu tempo, que a vertente semântica da definição por si proposta seja não só a primeira na ordenação da mesma, mas ainda a mais presente, pois é a única que tem ilustração em exemplos concretos: “*a virtude é amavel*” (Urcullu 1848: 23). Contudo, a formulação desses traços semânticos no texto em estudo já não apresenta – partindo mais uma vez do levantamento de Mercedes Quilis (2005: 1325) – o mesmo grau de identificação com o discurso académico espanhol, já que a “afirmação” não está entre os significados que o verbo assume para a Academia Espanhola e em cujo discurso predominam, ainda segundo a mesma

⁸ Quilis baseia o seu estudo na análise das definições de verbo em dicionários e outras obras não académicas.

autora, os conceitos de “acção” e “estado”. Não obstante, José Jesús Gómez Asencio (1981: 187) refere o conceito de “afirmação” como uma das ideias para as quais apontam os traços semânticos da definição de verbo, na generalidade do discurso gramatical de entre finais do século XVIII e meados do século XIX, pese embora não o conotar com a sua linha mais tradicional, mas antes com a Gramática Filosófica de Port-Royal, ainda que não nas suas configurações mais radicais.

Também no que se refere à proposta de classificação verbal – em *activo*, *passivo*, *neutro* ou *intransitivo*, *reflexivo* ou *recíproco* ou *pronominal*, *defectivo* e *impessoal* ou *unipessoal* (para além, da classificação paralela em *regulares* e *irregulares*) – constatamos o mesmo eclectismo⁹. Não se incidirá aqui sobre a segunda proposta tipológica, já que, tanto segundo Mercedes Quilis (2005: 1329-1330), como segundo José Jesús Gómez Asencio (1985: 95), tal proposta praticamente não provocou dissensão entre os gramáticos. Já no que respeita à primeira, observa-se que há classes verbais cuja definição assenta em critérios exclusivamente formais (as três últimas: *reflexivo*, *defectivo* e *impessoal*), enquanto outras (as cinco restantes) conciliam critérios formais (morfo sintáticos) com critérios semânticos. Mercedes Quilis (2005:1327) observa, a respeito dos verbos impessoais, que, efectivamente, as definições no *corpus* por si estudado remetem, no seu conjunto, para a admissão exclusiva da terceira pessoa. O contrário afirma a mesma autora (2005: 1327), a respeito das propostas consultadas relativamente à classificação dos verbos em activos passivos e neutros, propostas essas assentes, na sua opinião, em traços semânticos. Tanto neste caso, como no caso da classificação que identifica *pronominais*,

⁹ *Verbo activo* é aquelle, cuja acção, e significação passa a outra cousa, que é o termo, com preposição ou sem ella; como: *amar a Deos; aborrecer o vicio*: o objecto desta acção chama-se regime. Também pode dizer-se, que expressa uma acção que passa do *agente* ao *paciente*, e neste caso chama-se *transitivo*.

O *verbo passivo* expressa soffrimento ou recepção d’uma acção do agente; como: *o ladrão será castigado pela Justiça*.

O *verbo neutro* ou *intransitivo* é aquelle, cuja acção ou significação não passa a outra cousa; isto é: que não admite substantivo depois d’elle; como: *a creança dorme*: não tem regime como o activo.

O *reflexivo*, ou *reciproco*, ou *pronominal* é aquelle, que se conjuga com dobrados pronomes pessoaes em todos os seus tempos; como: *eu me visto*, etc.

O *defectivo* é aquelle, a quem faltão alguns tempos ou pessoas, que o uso não admite; como os verbos *Prazer, Feder*, etc.

O *impessoal*, ou *unipessoal* é aquelle, que não se emprega senão nas terceiras pessoas do singular, como: *chove, tropeja* etc.” (Urcullu 1848: 23-24)

recíprocos ou *reflexivos*, a proposta de Urcullu tem uma formulação que veio a ser superada na tradição gramatical ocidental, por um lado, no sentido da sua substituição (dos *passivos*, *activos* e *neutros* por *transitivos* e *intransitivos*) e, por outro, no da sua diferenciação (no caso dos *pronominais*, *recíprocos* ou *reflexivos*), segundo os dados apresentados por Mercedes Quilis (2005: 1329-1330). Observe-se, ainda, que o desvio à classificação em *verbos substantivos* e *verbos adjetivos* afasta a proposta classificatória de Urcullu da seguida pelos gramáticos de Port-Royal e, anteriormente a eles, pelos gramáticos sanchistas, proposta essa sobre a qual já se pronunciaram outros autores (Quilis 2005: 1328-1329; Gómez Asensio 1985: 115-128).

Ainda neste âmbito (o da classificação dos verbos), reveste-se de particular interesse o facto de Urcullu procurar precaver, em cada caso, erros típicos por interferência da língua portuguesa: sobre os verbos passivos, alerta para o recurso à preposição “by” em lugar de “from”¹⁰; sobre os verbos reflexos, alerta para a não repetição do pronome oblíquo em estruturas reflexas¹¹; o autor alerta ainda para a não correspondência absoluta do traço de reflexividade entre os verbos portugueses e ingleses, apresentando uma lista das situações de disparidade¹² e, neste contexto, precisa em termos teóricos o conceito de verbo reflexo, denunciando, eventualmente, uma representação menos positiva da consciência linguística do seu público relativamente à própria língua portuguesa¹³; sobre os verbos recíprocos, Urcullu alerta para a variabilidade de estruturas pronominais regidas em inglês – “one another” / “each other” – contrastivamente com

¹⁰ “Elle é amado de todos : *He is loved by every body.*

O mundo foi conquistado por Alexandre.

The world was conquered by Alexander.”

(Urcullu 1848: 143)

¹¹ “Elle se louva a si mesmo: *He praises himself.*”

(Urcullu 1848: 144)

¹² A lista de verbos que apresenta como “os mais principaes” tem início com o seguinte exemplo:

“*To abstain;* abster-se.”

(Urcullu 1848: 144)

¹³ Ha ocasiões em que se põe o pronome *se* antes d’ um verbo portuguez como se fosse verbo reflexo, porém não o é. V. g.

Em Portugal *se* bebe bom vinho; e em Inglaterra *se* come boa carne:

They drink good wine in Portugal, and they eat good meat in England.

Ou de outro modo:

There is good wine drink in Portugal, and there is good meat eaten in England

Traduzido litteralmente quer dizer:

Ha bom vinho bebido em Portugal; e ha boa carne comida em Inglaterra.

(Urcullu 1848: 145)

o Português “uns aos outros”¹⁴; sobre os verbos unipessoais, alerta para a necessidade de recurso ao pronome “it”¹⁵, bem como para a consideração ou não de “must” como verbo unipessoal¹⁶ e discorre ainda sobre a tradução para inglês de expressões verbais impessoais em Português com “fazer” e “valer” (1848: 147); sobre os verbos defectivos, resume a dificuldade no uso dos verbos “ought” e “should” à presença/ausência da preposição “to” respectivamente¹⁷.

Conclusão

Para terminar, sublinhe-se que, neste estudo, se procurou dar visibilidade a uma obra pouco estudada, incidindo sobre questões elementares da teoria verbal, que nela assumiam maior relevo, procurando, simultaneamente, situá-la (a obra e respectiva teoria) face à tradição precedente. Do estudo realizado, parece ser possível concluir que a postura do autor é predominantemente ecléctica e mais orientada para as finalidades pragmáticas e contrastivas de uma gramática de língua estrangeira do que para objectivos metalinguísticos, não obstante o seu considerável grau de aprofundamento teórico enquanto gramática de língua não-materna. Para além da linha de trabalho assumida, ficam também indicadas outras perspectivas carentes de estudo, como é o caso do tratamento e confronto das opções metodológicas do texto ou, através do estudo das interferências linguísticas, a aferição do grau de conhecimento, por parte de Urcullu, da língua-meta (o Inglês) e da língua de trabalho (o Português).

¹⁴ They love one another : eles se amão uns aos outros.
Também se pode usar de each other, em lugar de one another. V. g.
It is said that they love each other:
Dizem que elles se amão uns aos outros, ou mutuamente.

(Urcullu 1848: 145)

¹⁵ De que é exemplo: “it rains, ou it does rain; chove, ou está a chover” (Urcullu 1848: 146).

¹⁶ “Ser preciso, ser necessario, se traduz em inglez por must, que nunca varia de terminação, e sem embargo não é unipessoal em inglez, pois se conjuga com todas as pessoas. Outras vezes must significa dever.”(Urcullu 1848: 146)

¹⁷ “Não ha difficuldade no uso do ought, e do should, os quaes (á excepção do gosto) se empregão quasi indifferentemente. Basta dizer que ought vai sempre seguido de to antes do verbo, e should nunca.” (Urcullu 1848: 149)

Referências

- Brumme, J. 2006. “Las lecciones de moral, virtud y urbanidad de José de Urcullu” in A. Roldán Pérez, R. Escavy Zamora, E. Hernández Sánchez, J. M. Hernández Terrés y M^a I. López Martínez (eds.), *Caminos actuales de la historiografía lingüística. Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. Murcia: Universidade de Murcia, 319-332.
- Cardim, L. 1929. “Portuguese-english Grammarians and the History of the english Sounds”, in *Estudos de Literatura e de Linguística*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 159-205.
- 1931. “Gramáticas anglo-castelhanas e castelhano-ânglicas (1586-1828)”, *Separata de O Instituto*, vol. 81.º. n.º 2. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Duarte, S. 2007. «O contributo de Nicolau Peixoto para o ensino do Espanhol em Portugal: edição crítica da *Grammatica hespanhola para uso dos portuguezes*». Tese de mestrado. Universidade de Évora.
- 2008. “Los apéndices de la “*Grammatica hespanhola para uso dos portuguezes*” de Nicolau Peixoto: el apartado “Phrases familiares” “, in *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, n.º. 6: 29-46
- (inédito). “Fuentes de la *Grammatica Hespanhola para uso dos Portuguezes* de Nicolau Peixoto (1848)”. Comunicação apresentada ao colóquio internacional « Las relaciones entre lenguas en los contextos educativos en Europa : mediaciones, circulaciones, comparaciones, rivalidades (siglos XVI-comienzos XX)». Granada, Universidad de Granada, Facultad de Filosofía y Letras, 5, 6 e 7 de Novembro de 2008.
- Gómez Asencio, J. J. 1981. *Gramática y categorías verbales en la tradición Española (1771-1847)*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- 1985. *Subclases de palabras en la tradición Española (1771-1847)*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Peixoto, N. A. (ed.) 1848. *Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes, dada á luz por Nicolau António Peixoto*, Porto: Typ. Commercial.
- Quilis Merín, M. 2006. “Ideas gramaticales en diccionarios españoles del siglo XIX: el concepto de verbo”. in A. Roldán Pérez, R. Escavy Zamora, Eulalia Hernández Sánchez, José Miguel Hernández Terrés y M^a Isabel López Martínez (eds.), *Caminos actuales de la historiografía lingüística. Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. Murcia: Universidade de Murcia, 1323-1334.
- Sáez Rivera, D. 2007. «La lengua de las gramáticas y métodos de español como lengua extranjera en europa (1640-1726)», Tese de doutoramento, Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid.
- Sánchez Pérez, A. 1992. *Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera*, Madrid: Sociedad General Española de Librería.
- Sánchez Escribano, J. 2006. “Portuguese in England in the sixteenth and seventeenth

- centuries”, in *SEDERI: Yearbook of the Spanish and Portuguese Society for English Renaissance Studies*, n.º16.
- Santa-Clara, A. T 2000. “As línguas estrangeiras modernas no ensino liceal de meados do século XIX” in *Actas do I Colóquio da Associação Portuguesa para a História do Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras (23-24/11/2000)*, Aveiro: Universidade de Aveiro, 47-63.
- Silva, Innocencio 2001 [1858-1923]. *Diccionario bibliographico portuguez*, col. Biblioteca Virtual dos Descobrimentos Portugueses, 9, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses [documento electrónico].
- Torre, M. G. da 1985. «Gramáticas inglesas antigas: Alguns dados para a história dos estudos ingleses em Portugal até 1820». Trabalho Complementar à Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- (sd). “O interesse pelo estudo do Inglês em Portugal no século XVII” in *Actas do Colóquio comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 41-54.
- Urcullu, José 1840. *Grammatica Inglesa reducida a veinte y cinco lecciones*. Porto: Tipografia Comercial Portuense.
- 1848. *Grammatica Ingleza para uso dos Portuguezes*. Porto: Typ. Commercial.